

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### EXPERIMENTALISMOS NA LITERATURA MODERNA: EXPERIMENTOS E EXPERIÊNCIAS

Leonardo D'Avila e Cláudia Rio Doce

O presente dossiê problematiza o experimentalismo na literatura no momento em que as principais vanguardas do século XX completam um século, embora em um contexto em que a discussão entre a arte, as instituições culturais e a política se tornaram novamente emergenciais. A cada dia ressurgem gestos que exploram os limites da linguagem e que negam o instituído, seja na elaboração de novas formas, seja na adoção de novos métodos, sendo, portanto, fundamental requestionar o lugar do experimentalismo na arte. Nesse sentido, o fato de autores tão distintos temporalmente, como Laurence Sterne, Tristan Tzára, Haroldo de Campos, Clarice Lispector, Ítalo Calvino e Carlito Azevedo serem certamente contemporâneos para um leitor do século XXI, sugere a sobrevivência de diferentes experimentalismos, bem como a possibilidade de reconceituá-los.

Os artigos ora elencados, de modo geral, investigam, por diversas vias, o experimentalismo como experiência e como experimento. O dossiê proposto parte da premissa que experimentalismo é uma temática muito heterogênea e, logo, não se confunde com algum contexto específico, como aquele das vanguardas, ou com alguma teleologia para a literatura, como uma posição esteticista. Assim, partiram da refutação de algumas tipologias maniqueístas, evitando, dessa forma, reforçar os estereótipos de que o experimentalismo seria um culto do novo perante o antigo ou, ao contrário, como uma atitude aristocrática de fazer arte. Tomando-o como *experimenta linguarum*, tal como salienta Agamben, o tema abre novos pontos de fuga ao problematizar acerca da infância e acerca dos limiares da linguagem, apontado para seu próprio vazio. Limiar este que certamente não foi entendido como limite ou finitude, mas enquanto violação de fronteiras, operando na irreconciliabilidade entre profano e instituído, na tensão da convivência de heterogêneo na supressão da diferença hierárquica.

Os experimentalismos na literatura moderna igualmente são pensados nesta oportunidade enquanto uma questão fundamentalmente de experiência, e, de modo mais afirmativo, enquanto experiência coletiva. Walter Benjamin, com muita nitidez no contexto político fortemente polarizado dos anos trinta do século passado, distinguiu uma experiência individual, também pensável como vivência (*Erlebnis*), de uma experiência coletiva (*Erfahrung*), a qual estaria em um momento de crise. A aposta de uma outra experiência pela arte do choque como oposição à estetização da política certamente deve ser repensada, pela falta de um público reconhecível para a arte, como salienta Boris Groys, tanto quanto por uma reconfiguração dos limites entre o estético e o ético. Por mais que o estatuto e o lugar da arte na partilha do sensível tenham mudado de forma abrupta, a literatura sobrevive não exatamente por pleitear novas poéticas ou novos manifestos, mas principalmente por insistir em espreitar a própria experiência da alteridade. Alteridade essa que já não se coloca apenas como um outro da linguagem, mas efetivamente como outras linguagens e não como outras formas de escrita, senão como novas formas de vida. Forma e vida, por fim, são justapostas nos mais diversos tempos para se abraçar a experiência do erro enquanto devir, tal como a conceituação de Gilles Deleuze e Felix Guattari, ao passo que o acidente da violação das formas pode ser compreendido enquanto a experiência da forma vida inacabada ou livre de qualquer essência, como nas recentes investigações de Catherine Malabou.

O artigo “Literatura Sertão Linguagem: O famigerado estilo experimental de Guimarães Rosa em *Primeiras Estórias*”, de Samantha Lima de Almeida (UFPE) e Brenda Carlos de Andrade (UFRPE) busca conceituar a linguagem de Rosa de modo heterodoxo, isto é, como um experimento de mediação para relativizar padrões epistemológicos modernos, como consciência, fenômenos e comunicação, os quais são atravessados pela experiência do sertão, pela luta do homem e pela condicionante da terra.

Em “Jorge de Lima: Ressonâncias”, Raul Antelo (UFSC) estabelece constelações entre o poeta alagoano e algumas de suas referências, como Dante, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Michaux e Bergson, não apenas para destacar intertextualidades, mas, sobretudo, para entender na linguagem poética a (im)possibilidade do eterno retorno do sem sentido e da experiência da anacronia. Nessas errâncias do texto e do rodapé, nas quais poesia e teoria são levadas a confrontar seus limiares, o experimento exsurge como possibilidade de alteridade linguística e da sensibilidade do corpo e da potência da vida.

Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI), em “A arte das palavras: Mário Faustino em diálogos teóricos”, coloca as proposições de Mário Faustino acerca da linguagem poética em discussão com diversos outros autores. No diálogo estabelecido, a experiência da linguagem poética, seus limites e valor são abordados de formas distintas, o que propicia novos contornos às discussões acerca das práticas poéticas de Faustino, que assinava, nos anos 50, a coluna “Poesia-Experiência” no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*.

O artigo “As viagens no tempo nos contos de Sergio Buarque de Holanda e de Prudente de Moraes, neto”, de Leonardo D'Avila (UBA), propõe ler dois contos de juventude praticamente desconhecidos de ambos autores não exatamente para reafirmar seus lugares de pioneiros do surrealismo no Brasil, senão para especular sobre questões inquietantes ao nosso tempo, como o experimento da ficção fora da ciência, a experiência trágica da opinião pública ou a expressão de uma metamorfose crítica do próprio além do homem e da própria desumanização da arte.

“Experimentação antropofágica em ‘Brasília’”, de Cláudia Rio Doce (UEL), aborda a experimentação efetuada em uma das colunas da *Revista de Antropofagia*. Adotando a montagem como procedimento e brincando com diferentes temporalidades, em fragmentos que se propõem como descontinuidades a práticas e valores sociais vigentes, as imagens criadas na coluna movem-se nas dobras da linguagem e apontam para a necessidade da busca por novas formas de vida, alternativas às encontradas nos lugares comuns dos discursos da época.

Ana Clara Magalhães de Medeiros (UFAL) e Augusto Rodrigues da Silva Junior (UNB), em “A invenção machadiana e o experimentalismo sterniano como prolegômenos ao século XX: poéticas polifônicas e a autoconsciência da multiplicidade”, colocam em evidência a construção polifônica de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Evidenciam também o prólogo enquanto espaço privilegiado dos romances da modernidade, já que se apresentam como deslocamentos autocríticos das obras, em reflexões acerca dos experimentos realizados. O espaço onde, muitas vezes, como no romance em questão, a linguagem e o existir (como apontam os autores do artigo) têm seus limites testados e mostram-se como desvios.

Por fim, em “A poesia-outra de Carlito Azevedo”, de Paulo Alberto da Silva Sales (IFG), o foco é o *Livro das Postagens* (2016). Na proposta do autor, Carlito Azevedo atualiza os experimentos vanguardistas de desterritorializar gêneros e discursos, em justaposições de imagens de onde emergem o dissonante e o inusitado. Na obra estudada, o experimentalismo poético se revela, sobretudo, como experiência da alteridade e rompimento de fronteiras.

Esses artigos podem ser entendidos como experiências de uma época de múltiplas emergências, na medida em que erram na profusão de novos sentidos, muitas vezes beirando o ensaio, ao mesmo tempo em que não compõem um esforço uniforme que busca esgotar conceitualmente o tema ou formar uma escola unitária. O mais sintomático dessa heterogeneidade, no entanto, parece a insistência em orbitar o prefixo latino “e”, também escrito como “ex” (lembrando que *experimentum* provém do verbo *experior*, que conota experimentar, tentar sentir, suportar). Esta pequena partícula agora emerge tanto no sentido daquilo que é antigo ou proveniente, como no “ex” de experiência, quanto na conotação do exterior (para fora ou saída), como em êxodo e em exílio. Essa superposição significativa do prefixo “ex”, que espreita estes artigos, pode indicar como as saídas para novos experimentos e para outras experiências aconteçam fundamentalmente ao ser e visitar o experimental das velhas vanguardas ou a espectralidade dos modernismos na arte contemporânea.